

## Resenhas

**MACHADO, Giancarlo. 2014. De “carrinho” pela cidade: a prática do skate em São Paulo. São Paulo: Intermeios, FAPESP. 232 pp.**

*Leonardo Turchi Pacheco*  
(UNIFAL-MG)

Em busca do “pico” perfeito, atentos aos equipamentos urbanos por um olhar disciplinado pela prática do skate, grupos de jovens denominados *streeteiros* circulam pela cidade de São Paulo com seus “carrinhos”. Entre conflitos com outros cidadãos, negociações com o poder público, apropriações dos espaços urbanos e sociabilidade entre diversos sujeitos do universo do skate as redes que conectam atores sociais, percepções sobre a cidade, a juventude, uma prática (quase) esportiva e a cidadania adquirem visibilidade e compreensão.

Existem obras que podem ser apreendidas por diversos enfoques e, pela quantidade de questões entrelaçadas logo no primeiro parágrafo desta resenha, pode-se afirmar que esse é o caso do livro de Machado – seu principal mérito. Como se verá adiante, os temas e questões abordadas pelo autor interessam não somente àqueles que procuram pensar a antropologia urbana, mas também aqueles que se debruçam sobre a antropologia dos esportes e a antropologia da juventude.

O livro de Giancarlo Machado, *De ‘carrinho’ pela cidade: a prática do skate em São Paulo*, é o resultado de dissertação defendida na Universidade de São Paulo, fruto de pesquisa etnográfica desenvolvida na cidade de São Paulo entre os anos de 2009 e 2011. Nele o autor tem por objetivo “analisar as formas de apropriação dos espaços urbanos e as implicações decorrentes disso”. Nesse sentido evidencia a prática do skate, os discursos e a relação entre parte seus praticantes, aqueles que fazem da rua seu espaço principal de atuação (quase) esportiva – os *streeteiros* –, com outros atores sociais que transitam no universo que conjuga cidade, skate e políticas públicas.

Essa conjugação se revela logo de início no primeiro capítulo, *Circuito Sampa Skate: o importante é (não) competir*, quando é apresentado o Circuito Sampa Skate. Campeonato itinerante; organizado pelo poder público, o Circuito Sampa Skate adotava como discurso a proposição de inclusão social, de interação entre praticantes, a inculcação da disciplina e civilidade dos skatistas em relação à prática na cidade

– todas essas ações formariam um amálgama que pelo viés do poder público contribuiria para dotar esses cidadãos de cidadania. Portanto era uma iniciativa que tinha por objetivo a retirada dos skatistas das ruas, protegendo assim o patrimônio público, os outros cidadãos e a integridade física e moral dos próprios praticantes de skate. Soma-se a isso a tentativa de inculcar uma mentalidade competitiva, marcada por racionalidade e projetos individuais atentos ao desempenho, às regras e aos controles do próprio espaço do campeonato. Assim pistas foram construídas ou reformadas em vários pontos da cidade de São Paulo e um calendário de competições foi criado para permitir a circulação dos skatistas, o que resultou em uma ampliação da rede de sociabilidade e propiciou o conhecimento de “outra cidade” por parcela desses atores sociais. Desse modo, redes de relações plurais são construídas; a competição através das justificativas para sua realização também revela negociações e tensões existentes entre skatistas e o poder público.

O segundo capítulo tem por título *Entre as pistas e as ruas: em busca de lugares skatáveis*. Aqui a oposição entre as categorias pista e rua são elaboradas de maneira a identificar dois universos do skate. As narrativas dos nativos informam que por ser na rua o verdadeiro espaço da prática, os campeonatos realizados em pistas não são reconhecidos como um demarcador de habilidades e prestígios. Ademais é na rua que se identificam os obstáculos a serem superados, através de um olhar disciplinado – um olhar skatista que se apropria e revela uma nova cidade. No terceiro capítulo, *Skate na cidade, imagens da cidade*, Machado dá continuidade ao enfoque da apropriação dos espaços da cidade através do olhar skatista. Táticas e estratégias para evitar repressões e conseguir autorização para circular em espaços público e privados são evidenciadas. Através das sessões de skate a cidade é revelada através do olhar de outros atores do universo dessa prática. Assim, *videomakers* (cinégrafistas) e fotógrafos entram em cena para compor outras redes de sociabilidade e ampliar o sentido da comunicação entre as identidades e os espaços da cidade.

Se “andar de skate de verdade é na rua” é para esse espaço que o autor volta seu olhar e encadeia o restante de sua narrativa no segundo e terceiro capítulo do livro. A circulação pela cidade em busca de “lugares skatáveis” releva um olhar específico do praticante para a apropriação dos equipamentos urbanos e também os espaços onde as dinâmicas relacionais marcadas por redes de sociabilidade são construídas e encenadas. O autor analisa com perspicácia o encontro de horizontes diferentes que fazem com que a proposta do poder público seja ressignificada pelos sujeitos que são objetos da iniciativa. Isso porque, como leva a crer o autor, a prática do skate é valorizada pelos seus próprios praticantes quando realizadas nas ruas e não nas pistas em momento de competições.

As competições são deslegitimadas, pelo discurso skatista, como critério para estabelecer hierarquias. O sucesso nas competições é reelaborado pela categoria sorte. É o momento, a situação que faz o campeão e não a técnica. Essa justificativa é reforçada pelos discursos que apontam para o escasso tempo de apresentação da sessão (a volta na pista é realizada em poucos minutos) e pela percepção de que o julgamento e as notas avaliativas dos juizes são marcados pela subjetividade. Como apontam os nativos, o melhor skatista não é aquele que ganha na pista, mas sim aquele que domina o maior repertório de manobras e técnicas para conquistar os desafios colocados da própria cidade por meio dos seus equipamentos urbanos.

Outra questão que altera o significado da competição é a própria indefinição discursiva nativa do skate como esporte e de seus praticantes como atletas. Essa indefinição pode ser entendida como uma estratégia de negociação

com o poder público e a sociedade civil em momentos diversos. No caso das competições essa estratégia visa diluir o caráter de competitividade esportiva reforçando o caráter particular do skate: a disciplina é compreendida com cerceadora da liberdade da prática; não se treina especificamente para as competições, não há um planejamento tático e estudo dos adversários, não há aquecimentos ou cuidados prévios com a condição corporal, não há a figura do técnico, os competidores apoiam-se com aplausos e vociferações de incentivo.

Em minha avaliação, creio que nesse ponto, o autor poderia ter se desvinculado dos discursos nativos e considerado pensar a questão da disciplina e controle de outra maneira. Pois ao mesmo tempo em que minimiza a importância da disciplina para o ofício do *streeteiro* aponta que é através da observação e repetições exaustivas das manobras que ele se faz com skatista respeitado e adquire capital social para conseguir capital econômico em forma de patrocínios. Ora, me parece que não há uma coerção institucional, mas sim uma coerção simbólica e pressão do próprio campo e de seus agentes no que tange à disciplina. Em outras palavras, para se tornar um praticante respeitado e conhecido é necessário se dedicar, mesmo que essa dedicação seja marcada por tempos de práticas sem um cronograma estabelecido previamente.

No caso de encontros conflituosos nas ruas das cidades com os diversos atores que trabalham com a segurança pública ou privada, ou transeuntes e demais cidadãos, o discurso transforma-se. Nesse momento vale-se do entendimento da prática como esporte e de seu praticante como atleta desvinculado da imagem de marginal e criminoso para a resolução de conflitos e legitimação do uso dos espaços urbanos. O mesmo ocorre com outros atores que integram esse campo, como é o caso dos fotógrafos e *videomakers* que trabalham para revistas especializadas. Esses se utilizam de crachás de identificação e do próprio equipamento – câmeras de vídeo, equipamentos fotográficos e demais acessórios – como estratégia de distinção e legitimação de suas ações.

O olhar específico sobre o equipamento urbano e sua apropriação evidencia uma competência para reconhecer e distinguir espaços para a prática. Aqui o capital social de ver a cidade – “o olhar skatista” – parece assemelhar-se ao olhar técnico do arquiteto, inclusive pela identificação dos materiais que compõem os objetos dos equipamentos urbanos a serem conquistados pelos skatistas (os “picos”). Olhar racional que é articulado com uma conduta específica quando entram em cena outros atores do campo como os fotógrafos e cinegrafistas. Nesse momento, além de identificar e escolher o “pico”, também se escolhe o melhor horário, a melhor data e a estratégia para não ser repreendido por policiais e vigias. Como demonstra o autor, é o olhar racional em busca de “picos” e a conduta efêmera, quase invisível, na tentativa de evitar o conflito, que fazem a prática possível na rua.

Em espaços do centro da cidade e nos parques são onde as dinâmicas relacionais e as redes sociabilidade se constituem. As interações são marcadas por divisões simbólicas entre gerações e gêneros nas pistas dentro dos parques. Vestimentas, preferências musicais, formato do skate operam como marcadores de diferenças de estilo fazendo do grupo um mosaico heterogêneo. Aqui se revelam códigos de uso do espaço que se ajustam à medida que se desenvolvem as “sessões”, se revelam o aprendizado, as dificuldades e desafios impostos pela prática.

Mesmo revelando essa heterogeneidade e afirmando que a grande maioria dos praticantes é composta por homens jovens, creio que o autor se equivoca ao preterir interlocutoras e praticantes mais velhos. Em todo o livro

somente uma jovem aparece para argumentar brevemente sobre os preconceitos sofridos pela prática do skate. E quando o faz não se sabe quais preconceitos são estes, como ela os desafia e tampouco se sabe qual é a experiência das praticantes com o (quase) esporte. Do mesmo modo, não há referências a experiências de praticantes mais velhos, das diferenças de práticas entre gerações e de conflitos geracionais. No final do terceiro capítulo, momento em que os fotógrafos e *videomakers* entram em cena, as questões geracionais se revelam através da estratégia de permanência no campo social através de outras atividades. Mas mesmo assim a lacuna permanece. Não se sabe quem são os skatistas de outras gerações como também não se sabe qual é o destino daqueles que apesar de não se reinserirem no campo através de outras atividades, ainda praticam suas manobras.

Por fim, retorno ao segundo parágrafo dessa resenha e reforço o mérito do livro de Machado, que como argumentei, é uma obra que pode ser abordada por caminhos diversos e pode suscitar interesses de antropólogos que transitam nos estudos urbanos, da juventude e dos esportes. O interesse para os estudos urbanos reside na análise das formas de apropriação do espaço da cidade por jovens skatistas, permitindo refletir sobre a construção de redes relacionais através de situações que reúnem atores de grupos urbanos diversos. E faz o olhar se ater sobre a dinâmica dos sujeitos em ação, seus espaços de comunicação e solidariedade entre aqueles que fazem da metrópole o local privilegiado de circulação e sociabilidade.

O interesse para os estudos sobre juventude se entrelaça com os estudos urbanos. Ao se deter sobre as redes de relações estabelecidas entre sujeitos praticantes de skate, o autor evidencia a produção de uma estética juvenil e consequentemente de pertencimentos e identidades construídos por vivências e sentimentos comuns. Estética que dialoga com gostos musicais, expressos corporais e formas de vestir que extrapolam e ao mesmo tempo compõem o universo skatista. Em ambos os casos se revela um mosaico urbano que sugere outras pesquisas e a busca de outras compreensões.

A estratégia desses sujeitos marcada pela negação de si próprios como atletas e sua prática de lazer como esporte pode igualmente interessar aos estudos sobre esportes. Isso porque coloca questões que ultrapassam o universo pesquisado pelo autor: quais os discursos que qualificam ou desqualificam uma prática de lazer como modalidade esportiva? Ou ainda, como praticantes envolvidos em uma atividade (de lazer) estabelecem critérios para se denominarem e se auto identificarem como atletas? E em que medida essa denominação é compartilhada por não praticantes ou por pessoas que possuem uma olhar distanciado sobre ela?

Enfim, por ser um livro resultado de dissertação de mestrado, esse trabalho apresenta uma série de qualidades e alguns limites decorrentes do próprio contexto de produção do mesmo. Afinal não é possível se ater a todos os meandros envolvidos na pesquisa de campo; recortes e escolhas sempre são necessários. Nesse aspecto acredito que o autor foi afortunado em suas escolhas, recortes e principalmente em suas análises.

---

*Leonardo Turchi Pacheco é Doutor em História Social da Cultura pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Professor Adjunto do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG).*

Recebido em: 29/04/2015

Aprovado em: 24/06/2015